



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

IDENTIDADE NA DIÁSPORA: UMA ANÁLISE À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS E DAS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS

IDENTITY IN THE DIASPORA: AN ANALYSIS IN THE LIGHT OF CULTURAL STUDIES AND MIGRATION DYNAMICS

Eudes Mendes Ferreira¹

Janete Rosa da Fonseca²

RESUMO

O presente artigo constitui um recorte do referencial bibliográfico subjacente à pesquisa de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana (PPGCult/CPAQ), uma das unidades da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), inserida na linha de Pesquisa Sujeitos e Linguagens. O escopo desta investigação volta-se à temática da identidade, propiciando uma reflexão aprofundada sobre o sujeito e seu processo de formação. Ancorado em um referencial teórico fundamentado em contextos históricos dos Estudos Culturais, o artigo propõe uma abordagem crítica e analítica da temática da identidade. A intenção primordial é compreender as complexidades inerentes às experiências humanas, à formação da identidade e às dinâmicas sociais, com o propósito de explorar questões relacionadas à construção de uma identidade coletiva positiva. A base teórica do estudo é fundamentada em autores proeminentes dos Estudos Culturais, destacando-se figuras como Stuart Hall, Homi Bhabha, entre outros. A escolha desses referenciais teóricos visa enriquecer a análise, proporcionando uma compreensão aprofundada das dinâmicas culturais e identitárias, alinhada ao escopo da pesquisa de Mestrado. Por meio dessa abordagem interdisciplinar, o artigo visa contribuir para o avanço do conhecimento na área de Estudos Culturais, oferecendo insights significativos sobre a formação identitária e suas implicações nas dinâmicas sociais contemporâneas. Ao explorar o enfoque da identidade coletiva positiva, a pesquisa busca promover uma compreensão mais abrangente e construtiva das complexas interações entre sujeitos e suas respectivas identidades em um contexto cultural diversificado.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Identidade Cultural; Diáspora

ABSTRACT

This article constitutes an excerpt from the bibliographical reference underlying the Master's

¹ Graduado em Geografia UFMS/CPAQ. Especialista em MBA em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade de Tecnologia Internacional. Mestrando em Estudos Culturais UFMS/CPAQ. E-mail: eudes.ferreira@ufms.br

² Doutora em Educação. Pós-Doutorado em Neurociência (FURG), Pós-Doutorado em Educação (UCDB), Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ. E-mail: janete.fonseca@ufms.br



research submitted to the Postgraduate Program in Cultural Studies at the Aquidauana Campus (PPGCult/CPAQ), one of the units of the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), inserted in the Subjects and Languages Research line. The scope of this investigation focuses on the theme of identity, providing an in-depth reflection on the subject and their formation process. Anchored in a theoretical framework based on historical contexts of Cultural Studies, the article proposes a critical and analytical approach to the theme of identity. The primary intention is to understand the complexities inherent to human experiences, identity formation and social dynamics, with the purpose of exploring issues related to the construction of a positive collective identity. The theoretical basis of the study is based on prominent authors in Cultural Studies, highlighting figures such as Stuart Hall, Homi Bhabha, among others. The choice of these theoretical references aims to enrich the analysis, providing an in-depth understanding of cultural and identity dynamics, aligned with the scope of the Master's research. Through this interdisciplinary approach, the article aims to contribute to the advancement of knowledge in the area of Cultural Studies, offering significant insights into identity formation and its implications for contemporary social dynamics. By exploring the positive collective identity approach, the research seeks to promote a more comprehensive and constructive understanding of the complex interactions between subjects and their respective identities in a diverse cultural context.

Keywords: Cultural Studies; Cultural Identity; Diaspora

1 INTRODUÇÃO

Este artigo constitui um recorte da pesquisa de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana (PPGCult/CPAQ) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), inserido na linha de pesquisa Sujeitos e Linguagens com uma perspectiva no campo dos Estudos Culturais. Ao focalizar a temática da identidade, a pesquisa proporciona uma oportunidade para uma análise aprofundada da noção de sujeito e uma investigação minuciosa de seu processo de formação.

A linha de pesquisa Sujeitos e Linguagens adota uma abordagem interdisciplinar, contemplando tanto as dimensões individuais quanto as expressões culturais que contribuem para a construção da identidade. Essa abordagem ampla permite uma análise abrangente e aprofundada, enriquecendo o entendimento das complexidades inerentes ao tema. Este estudo, visa contribuir para o avanço do conhecimento no campo dos Estudos Culturais, oferecendo insights valiosos sobre a formação identitária sob a ótica da linha de pesquisa adotada.

A pesquisa contribui na reflexão sobre as dores do exílio e a ausência de vínculos com as tradições do país de origem de uma família de refugiados da Guerra Civil do Paraguai de 1947 (pais e seis filhos com menos de dez anos) que se deslocou para o Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil e atualmente, seus descendentes são considerados cidadãos sul-mato-grossenses. Um desses descendentes é o autor da pesquisa e uma das crianças na época sua mãe. Apresenta uma



perspectiva única para examinar como tais vivências moldam a identidade tanto a nível individual quanto coletivo. Além disso, ao utilizar a narrativa e a memória arquivada como ferramentas, a pesquisa adiciona uma camada subjetiva e qualitativa à compreensão do sujeito e da construção de significados.

A Guerra Civil do Paraguai (PY), também conhecida como Revolução de 1947 ou Revolução dos Pynandí, do Guarani significa pés descalços (ARMADANS, 2016). Foi um conflito armado que ocorreu no Paraguai em 1947. A guerra teve suas raízes em questões políticas e sociais, incluindo disputas internas de poder e tensões entre diferentes facções políticas no país. O conflito começou em março de 1947 e durou aproximadamente seis meses. As causas da guerra eram complexas e envolviam rivalidades políticas, lutas pelo controle do governo e descontentamento social. Diferentes grupos, incluindo militares dissidentes e setores civis, participaram do conflito contra o governo estabelecido na época. A violência e a instabilidade resultantes afetaram significativamente a população paraguaia.

Adotando a História Oral como metodologia na pesquisa, foi conduzida uma abordagem sensível e participativa, viabilizando uma investigação aprofundada das experiências e memórias individuais no contexto da fronteira entre Brasil e Paraguai. Por meio dessa abordagem, tornou-se factível não apenas acessar os eventos históricos documentados, mas também compreender os sentimentos, dores e traumas frequentemente silenciados ou negligenciados. Essa metodologia proporcionou uma análise mais abrangente e holística, permitindo a consideração não apenas dos aspectos objetivos, mas também das nuances subjetivas presentes nas narrativas, contribuindo assim para uma compreensão mais completa e contextualizada do tema em estudo.

Nesse contexto, ao questionar o silenciamento das emoções e das dores, a pesquisa se dedicou a conceder voz às narrativas pessoais, destacando a relevância de investigar não apenas os acontecimentos históricos, mas também as dimensões emocionais e psicológicas da experiência humana. A ênfase específica na narrativa e na memória arquivada, conforme preconizado por Ricoeur (2008), acrescenta uma camada crucial à apreensão dessas relações, enriquecendo a compreensão integral e contextualizada do tema em análise.

A análise das mágoas acarretadas pelo exílio proporciona uma perspectiva emocional e pessoal, estabelecendo uma ligação da pesquisa com as experiências individuais dos membros da geração do pesquisador. A ausência de tradições e costumes paraguaios na estrutura familiar, sem uma exploração ativa dessas origens, suscita questionamentos instigantes acerca das razões subjacentes a esse distanciamento. As indagações acerca da alma ferida, dos traumas da revolução e da opressão da ditadura sugerem possíveis influências históricas e políticas que podem ter moldado as atitudes e escolhas da família. Essa abordagem, fundamentada na análise crítica da



ótica dos Estudos Culturais, busca compreender as nuances subjacentes às experiências individuais, ampliando assim o entendimento sobre os impactos do exílio no contexto familiar.

Explorar tais questões não apenas contribui para a compreensão das dinâmicas familiares, mas também lança luz sobre os impactos de eventos históricos tumultuados nas relações culturais e nas identidades individuais. Essa perspectiva, fundamentada na pesquisa científica, busca não apenas analisar os eventos de maneira isolada, mas também compreender a interconexão de fatores que influenciam a evolução das relações e identidades no contexto abordado.

Os estudos culturais desempenham um papel central nesta pesquisa, proporcionando uma perspectiva analítica e conceitual para investigar as dinâmicas familiares, relações culturais e identidades individuais no contexto do exílio e da diáspora paraguaia no Brasil. A abordagem dos estudos culturais é essencial para a análise do desenvolvimento da identidade permitindo a exploração da interconexão de elementos culturais, como narrativas, tradições e símbolos. Além disso, fomenta a análise crítica possibilitando uma compreensão mais profunda das razões subjacentes ao distanciamento das tradições paraguaias na estrutura familiar.

A condução deste estudo segue a abordagem dos Estudos Culturais, fundamentando-se em princípios teóricos e epistemológicos que sustentam as concepções, indagações e posicionamentos inerentes a essa disciplina. Isso implica uma análise aprofundada de alguns conceitos contemporâneos. Para alcançar esse objetivo, iniciaremos com uma contextualização sucinta dos Estudos Culturais, explorando sua história de origem.

2 O DESENVOLVIMENTO CONTÍNUO DOS ESTUDOS CULTURAIS

As pesquisas no âmbito dos estudos culturais desempenham uma função essencial na investigação da identidade, proporcionando uma abordagem interdisciplinar e crítica para a compreensão de como a identidade se configura, negocia e transforma em diversos contextos culturais e sociais.

Esta área de pesquisa ganha proeminência especialmente no final da década de 1950, na Inglaterra. Três obras são reconhecidas como fundamentais para os Estudos Culturais: "The Uses of Literacy" (1957) de Richard Hoggart, composto por uma seção autobiográfica e outra que aborda a história cultural do meio do século XX; "Culture and Society" (1958) de Raymond Williams, que traça um histórico do conceito de cultura; e "The Making of the English Working-class" (1963) de E. P. Thompson, uma reconstrução histórica centrada na sociedade inglesa, destacando a perspectiva da história "dos de baixo". Essas obras proporcionam uma reinterpretação da história cultural e dos conceitos de cultura na sociedade inglesa da época



(ESCOSTEGUY, 1998; SILVA JÚNIOR, 2016).

O ano de 1964 representa um marco significativo na institucionalização dos Estudos Culturais, com a organização sistemática do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) na Universidade de Birmingham, liderado por Richard Hoggart, professor de Literatura Moderna em língua inglesa. Inspirado em sua obra de pesquisa, "The Uses of Literacy", o CCCS é estabelecido como uma entidade vinculada ao Departamento de Inglês da Universidade de Birmingham, tornando-se um centro de pesquisa de pós-graduação dentro da mesma instituição. O núcleo fundamental desse centro concentrou-se nas interações entre a cultura contemporânea e a sociedade (ESCOSTEGUY, 1998; SILVA JÚNIOR, 2016).

Baptista (2009) salienta que, em 1970, o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) integrava diversas contribuições teóricas, abrangendo o pós-estruturalismo francês, a linguística estrutural de Saussure (1960), a semiótica social de Roland Barthes (1972), a psicanálise de Lacan (1977), e o marxismo estrutural de Althusser (1969, 1971) e Gramsci (1968, 1971).

Apesar de Stuart Hall não ser citado como um dos membros fundadores do CCCS, sua contribuição é unanimemente reconhecida na moldagem dos Estudos Culturais britânicos. Assumindo a direção do Centro em substituição a Hoggart no período de 1968 a 1979, Hall desempenhou um papel crucial no estímulo ao desenvolvimento de pesquisas sobre práticas de resistência de subculturas e na análise dos meios de comunicação de massa (ESCOSTEGUY, 1998).

Embora os estudos culturais tenham tido sua origem na Inglaterra, assumindo uma forma contemporânea, eles se transformaram em um fenômeno internacional. Assim, expandiram-se para além das fronteiras da Inglaterra e dos Estados Unidos, alcançando outros países como Austrália, Canadá, África, América Latina, entre outros territórios. Escosteguy (1998) identifica a primeira fase dos Estudos Culturais, quando estes estavam centrados exclusivamente em Birmingham. Nesse período, a pesquisa estava delimitada principalmente às áreas de subculturas, comportamentos desviantes, sociabilidades operárias, escola, música e linguagem. Baptista (2009) complementa que o CCCS dedicava-se em diversas áreas do conhecimento, promovendo assim uma abordagem interdisciplinar. O centro enfatizava a necessidade e a importância de uma conexão prioritária com temas contemporâneos, buscando, em primeiro lugar, orientar as pesquisas para o estudo das classes trabalhadoras, das culturas juvenis, das mulheres, da feminilidade, da raça e etnicidade, das políticas culturais da língua e das mídias, entre muitos outros.

A mudança nos Estudos Culturais manifesta-se no final da década de 1970 e início de



1980, impulsionada pela influência de teóricos franceses notáveis, como Michel de Certeau, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, entre outros, marcando o início da internacionalização desse campo de estudo. Este período testemunha uma diminuição nas análises centradas nas categorias fundamentais de luta e resistência, indicando o início da despolitização dos Estudos Culturais e seu processo de internacionalização. Durante esse período, as pesquisas nesse domínio alcançaram um reconhecimento científico substancial na comunidade acadêmica global. Foi nesse contexto que os Estudos Culturais se expandiram para os Estados Unidos, ganhando inúmeros seguidores, e posteriormente disseminaram-se por toda a América Latina (ESCOSTEGUY, 1998; SILVA JÚNIOR, 2016).

Segundo Escosteguy (1998), a interseção entre as pesquisas e os estudos feministas tem seu início a partir de 1970. Este encontro promoveu novos questionamentos, especialmente no que se refere à identidade, ao introduzir variáveis adicionais em sua constituição. Diferentemente da abordagem que se baseava unicamente na construção da identidade por meio da cultura de classe e sua transmissão geracional, os estudos feministas trouxeram perspectivas distintas. Na década de 1970, as questões de gênero foram complementadas por considerações sobre raça e etnia. A partir dos anos 1980, novas modalidades de análise dos meios de comunicação emergiram, direcionando a atenção para a recepção dos meios massivos e, em particular, para os programas televisivos.

Na fase contemporânea dos Estudos Culturais, emergem outros elementos cruciais, entre os quais se destaca a análise da pós-modernidade ou a "nova era", conforme proposto por Hall. Além disso, ganham proeminência tópicos como a globalização, o impacto das migrações, o papel do Estado-nação e da cultura nacional, bem como as implicações nos processos de construção das identidades (ESCOSTEGUY, 1998).

Conforme observado por Silva Júnior (2016), embora a predominância de autores europeus seja evidente, os Estudos Culturais progrediram nas suas discussões. Nesse avanço, o debate sobre a cultura, anteriormente associado aos estudos da Tradição, perdeu vigor, dando espaço para a inclusão de práticas sociais cotidianas e periféricas em suas abordagens. Nas discussões anteriores, o foco estava no discurso do centro, do dominante. Nas novas abordagens, entretanto, entra em cena a narrativa cultural do outro lado dos acontecimentos, onde os indivíduos sempre foram relegados às margens da história pelo discurso dominante.

Nos últimos anos, observa-se um aumento significativo no estudo dos processos de construção política e social das identidades. Essas análises consideram uma variedade de questões, tais como nação, raça, etnicidade, diáspora, colonialismo e pós-colonialismo, assim como concentram-se no exame de eventos vinculados à Globalização. Dentre esses eventos,



destacam-se questões relacionadas à desterritorialização da cultura, movimentos transnacionais de pessoas, bens e imagens, a emergência da nova sociedade em rede, fenômenos de terrorismo, choques civilizacionais, a crise ambiental global, entre outras temáticas (BAPTISTA, 2009; SILVA JÚNIOR, 2016).

Diante da análise acerca da evolução dos estudos culturais, é pertinente direcionar nosso enfoque para uma esfera específica que incide profundamente nas dinâmicas sociais contemporâneas. Nesse sentido, faremos uma transição da macro perspectiva da evolução dos estudos culturais para adentrar nas complexas relações entre as dinâmicas migratórias e a construção da identidade cultural. Tal transição permitirá uma investigação mais específica, explorando minuciosamente como as mudanças culturais são delineadas por movimentos populacionais, exercendo uma notável influência nas percepções individuais e coletivas no contexto da diversidade cultural.

A interseção entre as dinâmicas migratórias e a construção da identidade cultural desempenha um papel central na compreensão das transformações sociais contemporâneas. Aprofundar-se nessa temática não apenas amplia nossa visão sobre a evolução dos estudos culturais, mas também lança luz sobre a complexidade e a fluidez das identidades culturais em um mundo cada vez mais interconectado.

No próximo item, portanto, será realizada uma análise do papel fundamental das migrações na reconfiguração das identidades culturais, oferecendo uma abordagem a partir da perspectiva consolidada dos estudos culturais. A intenção é ilustrar de maneira científica como os fluxos migratórios desempenham um papel crucial na transformação das narrativas culturais, contribuindo para a complexidade e dinamismo do cenário cultural contemporâneo.

3 AS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS E A IDENTIDADE CULTURAL NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

A pesquisa em questão concentra-se na análise das dinâmicas do fenômeno migratório e em como essas experiências reverberam na vida dos indivíduos, moldando suas lembranças, sentimentos e, por vezes, provocando traumas. Para elucidar tais reflexões, foram consultados diversos autores renomados, destacando-se as contribuições teóricas de Stuart Hall no que tange à diáspora e à construção da identidade cultural em migrantes caribenhos. Além disso, a perspectiva de Spivak foi explorada, enfocando a violência subjacente ao silenciamento da voz do "outro".

A pesquisa também incorporou as análises de Mbembe, que propôs uma profunda reflexão sobre a desvalorização da vida, contextualizando-a em considerações sobre a escravidão, a



colonização e o apartheid. A abordagem desses autores forneceu um arcabouço teórico robusto para compreender como diferentes formas de violência contribuem para moldar e construir as novas populações resultantes do processo migratório. Este estudo busca assim contribuir para uma compreensão mais profunda das implicações sociais e psicológicas enfrentadas pelos migrantes em sua jornada e integração em novos contextos sociais.

Sob uma perspectiva sociológica, é imperativo compreender que toda identidade é meticulosamente construída, em premissas intrínsecas que delinham o "como", "a partir de que", "por quem" e "para que" esse processo ocorre. Este intrincado processo identitário é elaborado a partir de uma variedade de elementos, tais como a influência da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, a memória coletiva, fantasias pessoais, bem como os dispositivos de poder e revelações de ordem religiosa (CASTELLS, 2013).

De acordo com Woodward (2019), as chamadas "crises de identidade" emergem como uma manifestação da modernidade tardia e adquirem significado quando contextualizadas dentro das transformações globais inerentes à vida contemporânea. A globalização, por sua vez, gera diversos desdobramentos no que concerne à construção identitária, uma vez que a diversidade cultural promovida pelo mercado global pode impactar as identidades locais, instigando, assim, formas de resistência que reforçam e reafirmam certas identidades nacionais e locais, assim como, observa-se também o surgimento de novas oposições identitárias.

A migração de trabalhadores, embora não seja uma ocorrência recente, tem testemunhado um aumento significativo, diretamente vinculado ao processo de globalização. Este fenômeno, impulsionado por necessidades econômicas, resulta na migração internacional, desencadeando uma reconfiguração das estruturas sociais e políticas em escala global. Nesse contexto, tanto os eventos passados quanto os contemporâneos desempenham papéis cruciais na justificação de novas identidades nacionais e futuras (WOODWARD, 2019).

Relevante ressaltar sobre a Identidade de Resistência, a qual emerge quando indivíduos em situações desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica de dominação estabelecem estratégias de resistência e princípios de sobrevivência que permeiam as instituições da sociedade, muitas vezes contradizendo-as. Quando direcionada à resistência, essa identidade propicia a formação de comunidades. Nesse contexto, ela desempenha um papel crucial na construção de identidade na sociedade, servindo como base para uma resistência coletiva diante da opressão, que, de outra forma, seria insuportável. Um exemplo ilustrativo pode ser observado no nacionalismo fundamentado na etnia, uma vez que, conforme mencionado por Castells (2013, p. 25), ele emerge a partir “[...] de um sentimento de alienação e ressentimento contrário à exclusão injusta de natureza política, econômica ou social”.



A expressão comunidade imaginada, (ANDERSON, 1983, apud WOODWARD, p. 24, 2019) considera que:

[...] a identidade nacional é inteiramente dependente da ideia que fazemos dela. Uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham de nossa identidade nacional, devemos ter uma ideia partilhada sobre aquilo que a constitui. A diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas.

As comunidades imaginadas encontram-se em constante processo de contestação e reconstrução no contexto contemporâneo. Um exemplo ilustrativo desse fenômeno é a ideia de uma identidade europeia, recentemente defendida por partidos políticos de extrema-direita. Tal construção identitária surge como resposta à hipotética ameaça representada pelo "outro". Neste caso específico, o "outro" é representado pelos trabalhadores provenientes da África do Norte, como Marrocos, Tunísia e Argélia. Essa ameaça é fundamentada nas origens desses indivíduos, associadas ao suposto fundamentalismo islâmico (WOODWARD, 2019).

Woodward (2019) enfatiza que a postura evidente nas políticas oficiais de imigração da União Europeia reflete uma projeção do conceito de "orientalismo", conforme definido por Edward Said em 1978. Nessa perspectiva, a cultura ocidental constrói um conjunto de pressupostos e representações sobre o Oriente, caracterizando-o como uma fonte de fascinação, perigo, exotismo e ameaça. Essas representações, na realidade, moldam o conhecimento ocidental sobre o Oriente, baseando-se mais nos receios e ansiedades ocidentais do que em uma compreensão genuína da vida na região do Oriente e Norte da África. Essa dinâmica resulta na concepção do suposto fundamentalismo islâmico como a principal e emergente ameaça às tradições liberais.

Nesse contexto, as maneiras pelas quais as fronteiras são delineadas pela cultura criam novos limites e destacam diferenças que desempenham um papel crucial na compreensão das identidades. É importante ressaltar que a diferença serve como balizador que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, repeditamente na forma de oposições. Um exemplo ilustrativo é o caso da Bósnia, onde as identidades foram nitidamente moldadas pela oposição entre o "nós" e o "eles" (Woodward, 2019).

A partir da concepção de identidade cultural dos migrantes caribenhos, Stuart Hall (2006) delineia que em 1948 ocorreu a chegada de migrantes civis caribenhos ao Reino Unido através do navio-transporte SS Empire Windrush. Este momento, inserido no contexto pós-guerra, marcou o início da migração caribenha para a Grã-Bretanha, dando origem à diáspora negra afro-caribenha e resultando no estabelecimento de comunidades negras caribenhas no Reino Unido. Hall destaca esse período como emblemático da crescente era da globalização e discute as



complexidades envolvidas na construção da identidade caribenha e sua relação com as dinâmicas nacionais nessa nova era.

Hall (2006), ao abordar questões concernentes à identidade cultural na diáspora, analisa sociedades formadas por uma pluralidade de povos de origens diversas. Ele destaca que os habitantes que possuíam as terras já deixaram de existir há muito tempo. O autor sugere que todos que a ocupam atualmente são oriundos de outro local, e estão longe de estabelecer uma sequência com seu próprio passado; o que leva a considerar que a história dessas sociedades está profundamente marcada por conflitos, rupturas aterradoras e violentas, indicando que o território conhecido como Caribe emergiu através desses eventos violentos. Este processo é caracterizado por elementos como genocídio, sistema de engenho, conquista, expropriação, escravidão e uma prolongada tutela de dependência colonial, elementos que permeiam a sociedade na atualidade da modernidade.

O fenômeno da migração, embora não seja uma ocorrência recente, tem experimentado um aumento significativo em sua intensidade, notadamente em decorrência do processo de globalização. Este último, impulsionado por imperativos econômicos, tem propiciado uma migração internacional mais ampla, com impactos substanciais na reconfiguração das estruturas sociais e políticas em escala global. Nesse contexto, é imperativo reconhecer a interconexão entre o passado e o presente, pois estes eventos históricos e contemporâneos desempenham um papel crucial na justificação e formação de novas identidades nacionais. O entendimento aprofundado dessas dinâmicas é essencial para uma análise abrangente das implicações sociais, culturais e políticas associadas ao fenômeno migratório em uma perspectiva globalizada. (WOODWARD, 2019).

As problemáticas advindas da diáspora assumem um papel central não apenas nas comunidades diaspóricas, mas também na configuração das expressões artísticas e culturais que delas emergem, onde o sujeito imaginado se encontra sempre em jogo. Conforme delineado por Hall (2006), na obra de Mary Chamberlain intitulada "Narratives of Exile and Return", como os inimigos dos povos continuam fortes, mesmo diante do distanciamento geográfico da terra natal. Os entrevistados na referida obra discorrem sobre a dificuldade dos que retornam em se conectar novamente com a sociedade de origem.

Os relatos apresentados por entrevistados na referida obra discorrem sobre os desafios enfrentados pelos indivíduos que retornam ao seu local de origem, ressaltando a dificuldade de reconexão com a sociedade de proveniência. Nesse contexto, Stuart Hall sustenta que, no que tange à diáspora, as identidades assumem uma natureza intrinsecamente múltipla. O sujeito diaspórico encontra-se, portanto, em um constante processo de construção e reconstrução



identitária, influenciado pelos desafios do retorno e pelos impactos duradouros dos conflitos enfrentados em sua jornada migratória. Este fenômeno complexo reforça a relevância de abordagens interdisciplinares e sensíveis às nuances culturais ao se examinar as implicações da diáspora nas identidades individuais e coletivas.

Nessa perspectiva, compreendemos que cada identidade é própria, originando-se por meio de um processo de hibridização, desprovida de uma forma definitiva ou completa. A identidade, ao ser moldada por interações que provocam choque e entrechoques de conflitos culturais, revela-se como uma identidade provisória.

Hall (2006) faz menção a Benedict Anderson que em sua abordagem, afirma que as nações não são somente entidades políticas e soberanas, são na realidade “comunidades imaginadas”. O autor destaca a relevância de indagar como as nações caribenhas são imaginadas após três décadas de independência. Esse questionamento nos leva a reflexão que a discussão não é somente central, não apenas para seus povos, mas também engloba a arte e a cultura, que acarretam na produção de um certo “sujeito imaginado”. A reflexão proposta instiga uma análise sobre os limites e fronteiras, considerando que, embora regionalmente as nações caribenhas possam compartilhar proximidade cultural e histórica com seus vizinhos, muitos indivíduos residem a consideráveis distâncias de seus locais de origem. A partir dessa perspectiva, surge o questionamento sobre como é possível conceber a relação do indivíduo que vive a uma grande distância de sua terra natal e como a natureza de seu “pertencimento” ao Caribe se configura a partir dessa experiência de diáspora.

Este questionamento não apenas enfoca a experiência física da distância, mas também indaga sobre as complexidades da identidade e do senso de pertencimento em um contexto caribenho. Abordar essa questão torna-se fundamental para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais, culturais e políticas que permeiam as experiências diaspóricas na região caribenha.

Spivak (2010) pondera sobre a discussão da representação da literatura, como instituição composta a partir de padrões repressores e violentos, poder esse, considerado ser o ideal e justo representante do outro, o subalternizado. Porém, há de se considerar que a violência maior talvez emergja na exclusão, ou seja, quando se tenta apagar a voz do outro na literatura, mesmo quando se considera que ela apareça de forma indireta, como uma voz infiltrada, como considerada a autora, pois é a partir desse “outro” que se pretende formar a tradição literária. Contudo, é crucial considerar que a violência mais marcante muitas vezes se manifesta na exclusão, quando se busca apagar a voz do “outro” na literatura. Mesmo quando essa voz emerge de maneira indireta, como uma presença infiltrada, conforme observa a autora, é a partir desse “outro” que se busca construir



a tradição literária.

A discussão reforça a ideia de que a neutralização do "outro" (seja o subalterno ou colonizado) busca torná-lo imperceptível, desapropriando-o da possibilidade de qualquer representação, resultando em seu silenciamento. Este silêncio, muitas vezes considerado secundário ou residual na linguagem configura como silêncio, que acaba trazendo uma ausência com implicações profundas nas vidas dos sujeitos.

Spivak (2010) discute a perspectiva de Walter Benjamin sobre a interpretação dos bens culturais pelos materialistas históricos. Benjamin categoriza que, no desfile triunfal, os vencedores, representando os atuais dominadores, pisoteiam os corpos dos humilhados no solo, enquanto os restos desses últimos são incorporados ao cortejo, conforme é comum nesse contexto. Esses restos, de acordo com o autor, são o que consideramos como bens culturais. Os materialistas históricos adotam uma postura de distanciamento em relação a esses bens culturais, pois esses bens culturais têm uma procedência na qual ele não pode conjecturar sem horror.

É importante refletir sobre o fato de que nunca houve um monumento cultural cuja criação estivesse fundamentada ou construída como um testemunho da barbárie. Este entendimento enfatiza a complexidade da relação entre a cultura e os momentos históricos de conflito e subjugação, ressaltando como a interpretação desses bens culturais pelos materialistas históricos é permeada por uma consciência crítica dos eventos traumáticos associados à sua origem.

Em sua análise, Spivak (2010) levanta a indagação sobre as ações a serem empreendidas quando se percebe a violência inerente à apropriação da voz do "outro" pelo discurso Ocidental. Tanto a consideração de Spivak sobre a impossibilidade de dar voz ao subalterno quanto a observação de Benjamin acerca dos bens culturais como testemunhos da barbárie podem ser desalentadores em relação à interpretação de textos literários como fundamentos democráticos.

Mbembe (2014) aborda a questão do negro, analisando o termo como um exemplo do fenômeno do "ser-outro", representando um símbolo de inferioridade conforme delineado pelos ideais colonialistas. Similarmente, a África é concebida como um "não-lugar", simbolizando retrocesso e ausência de civilização, sendo desprovida de qualquer contribuição significativa à humanidade. Outro exemplo citado está intrinsecamente ligada à visão eurocêntrica do colonizador, que desconsidera as obras, conhecimentos e contribuições africanas, assim como a luta de seus povos na diáspora para o desenvolvimento histórico das Américas. Mais preocupante ainda, essas contribuições foram não apenas ignoradas, mas ativamente desconsideradas, silenciadas ou apagadas.

Historicamente, apenas quando a Europa perde sua posição central na civilização e na produção do conhecimento é que emerge um pensamento mais crítico em relação ao negro. É



relevante destacar que o conceito de "negro" surge no contexto da escravidão colonialista a partir do século XVI e persiste até os dias atuais. A partir desse momento, a colônia se torna o espaço onde o negro deixa de ser reconhecido como indivíduo, tornando-se invisível para a sociedade. Essa dinâmica histórica complexa destaca a necessidade de uma análise crítica das estruturas sociais e conceitos que perpetuam a marginalização e invisibilidade do negro na narrativa histórica (MBEMBE, 2014).

Mbembe (2014) aborda questões filosóficas negligenciadas pela crítica africana em suas reflexões sobre a escravidão, a colonização e o apartheid, destacando aspectos específicos relacionados ao sofrimento. Ao discutir a escravidão, ele examina o status do sofrimento ao longo da história e explora como a violência molda a subjetividade, manifestando-se nas diversas maneiras pelas quais as forças históricas contribuem para o dano psíquico dos corpos coletivos. Nesse contexto, busca estabelecer comparações com outras experiências históricas, como o Holocausto judeu, a escravidão e o apartheid, considerando-as genuínas e puras formas de sofrimento. O autor ainda argumenta que todas essas formas de sofrimento são caracterizadas pela desapropriação do eu diante de forças inomináveis.

Nos três cenários (a escravidão, a colonização e o apartheid) analisados por Mbembe (2014), percebe-se a manifestação de diversas formas de forças, sendo que, em todos os casos, o cerne da questão permanece inalterado: a administração de morte em larga escala, um fenômeno que reverbera abruptamente na existência dos indivíduos, resultando em uma dicotomia que os deixa perplexos quanto à própria condição de estar morto ou vivo. Apesar da separação temporal desses eventos, todos compartilham de um ímpeto destrutivo que culmina na fragmentação do eu e na diluição da individualidade, gerando um estado caótico interligado por um enredo comum: a desvalorização extrema da vida, culminando na fragilização da existência.

Mbembe (2014) contribui significativamente a essa discussão ao destacar que, nas críticas filosóficas, a origem e a raça são frequentemente utilizadas como critérios para avaliações, resultando na interdição da vida. Esta perspectiva levanta indagações sobre como resgatar e redimir a vida diante da contínua operação de sua negação. Essa reflexão provoca uma análise crítica sobre como superar os desafios impostos por eventos que desvalorizam a vida, instigando a busca por estratégias e abordagens que possam restaurar a integralidade da existência diante do contexto de constante ameaça à vida.

Na obra de Canclini (1998), dedicada especialmente à América Latina, traz questionamento sobre as estratégias para ingressar e desvincular-se da modernidade na década de 1990. Nesse contexto, onde as tradições mantêm sua robustez e resistência, e a modernidade não se estabeleceu de maneira integral, o autor pondera sobre as dinâmicas culturais. Ele examina a



notável interpenetração e coexistência abrupta de culturas estrangeiras ao longo do século XX, resultando em intrincados processos de hibridização cultural.

Canclini (1998) identifica, nesse cenário, a ocorrência de fenômenos como ocidentalização, aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural, globalização e hibridismo. A interação dessas forças complexas moldou a dinâmica cultural na região, criando um tecido social onde tradições antigas coexistem e se entrelaçam com elementos modernos. Este contexto, por sua vez, instiga a reflexão sobre as estratégias adotadas pelas comunidades latino-americanas para negociar e articular suas identidades diante da constante interação entre o tradicional e o contemporâneo.

Canclini (1998), ao buscar conceituar culturas híbridas na modernização dos países latino-americanos, considera a heterogeneidade dessas nações e suas diversas culturas. Ele destaca que a emergência dessa forma de cultura ocorre no momento em que as barreiras entre o tradicional e o moderno, o popular e o massivo, são rompidas, possibilitando a miscigenação de diferentes influências culturais.

O autor utiliza a construção de hibridez cultural nas sociedades latino-americanas como exemplo dessa dinâmica. Ele ressalta que as investigações mais incisivas sobre o significado de transitar entre a modernidade e a não modernidade são aquelas que abraçam as tensões entre desterritorialização e reterritorialização. Para documentar essa transformação das culturas contemporâneas, Canclini inicia sua análise explorando a transnacionalização e as migrações. Esse enfoque evidencia como esses fenômenos contribuem para a formação das culturas híbridas na América Latina, refletindo um cenário complexo e dinâmico na interação entre elementos tradicionais e modernos.

O conceito de hibridismo, segundo Canclini (1998) ainda permite conjecturar novas perspectivas de análise, assim como de repensar os vínculos entre cultura e poder.

Considerando o conceito fronteiro e intermédio proposto por Bhabha (1998), emerge a conceptualização do termo "entre-lugar", intrinsecamente vinculado à forma como grupos subalternos se organizam em relação ao poder e implementam estratégias de "empowerment" (aquisição de poder) no contexto das estruturas de poder. É precisamente nesse processo, originado a partir das disparidades culturais, que os entre-lugares se manifestam. Este ponto de vista fronteiro proporciona uma compreensão clara das dinâmicas entre estruturas de poder e conhecimento, resultando em uma visão mais aguçada das subjetividades que se resumem nas identidades dos povos subalternos.

Encerrando esta análise, o propósito foi destacar as migrações em suas diversas manifestações, tais como conquista e colonialismo, escravidão, movimentos populacionais em



larga escala e diásporas. Além disso, buscou-se examinar a interação desses processos com os ambientes, uma vez que esses processos também fazem parte na construção histórica da América Latina.

Destaca-se a relevância de promover discussões acerca da diáspora e do fluxo populacional, fenômenos intrínsecos à trajetória da humanidade desde seus estágios iniciais. Esses deslocamentos, motivados por perseguições ligadas a questões políticas, étnicas, religiosas e sociais, têm moldado de forma constante a identidade, especialmente durante os deslocamentos contemporâneos. Nesse cenário, a identidade se configura como um processo dinâmico, em constante reconstrução e renovação, refletindo os impactos desses movimentos sobre a experiência humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta análise, ressalta-se a importância de abordar as migrações em suas múltiplas manifestações ao longo do curso histórico, que se estende desde os períodos de conquista e colonialismo até os movimentos populacionais em larga escala e as diásporas. Estes processos desempenharam um papel crucial na configuração da narrativa histórica da América Latina, influenciando não apenas as dinâmicas sociais, mas também as identidades individuais e coletivas.

Destaco a relevância de empreender debates acerca da diáspora e do fluxo populacional, reconhecendo que tais movimentos constituem uma constante desde os primórdios da humanidade. Eles se originam frequentemente de perseguições de índole política, étnica, religiosa e social, evidenciando a complexidade dinâmica das interações humanas ao longo do curso histórico.

Essa abordagem multifacetada, que entrelaça os temas da migração, diáspora e identidade, oferece uma perspectiva abrangente e sensível das complexidades intrínsecas aos movimentos migratórios. Ela constitui uma plataforma substancial para reflexões profundas acerca de como as identidades são continuamente reconstruídas e renovadas no contexto contemporâneo. A compreensão aprofundada dessas experiências não apenas enriquece nossa apreciação das narrativas humanas, mas também contribui para um diálogo mais inclusivo e compassivo sobre as diversas trajetórias individuais e as dinâmicas culturais que as permeiam.

À medida que examinamos as interseções entre migração, diáspora e identidade, desvelamos nuances importantes que transcendem fronteiras geográficas e culturais. Essa compreensão mais holística não só amplia nossa visão sobre as complexidades da experiência



migratória, mas também ressalta a necessidade de abordagens interdisciplinares e interculturais ao explorar as transformações identitárias em contextos diversos.

Ao encerrar este artigo, ressaltamos a importância de reconhecer as diversas narrativas que emergem das experiências migratórias. A promoção de um diálogo enriquecido por essa compreensão mais profunda não apenas fortalece os laços entre comunidades globais, mas também contribui para a construção de sociedades mais inclusivas e empáticas. Nesse sentido, o estudo interdisciplinar das inter-relações entre migração, diáspora e identidade é crucial para o avanço do conhecimento e para a promoção de uma coexistência mais harmoniosa em nosso mundo cada vez mais conectado e diversificado.

REFERÊNCIAS

ARMADANS, Claudio José Fuentes. El Concepto “Pynandí”. Abordaje teórico-histórico de un mito nacionalista. **Revista Estudios Paraguayo**. Assnción, Paraguay, Vol. XXXIV, No 2 - Diciembre 2016.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. Carnets, cultures littéraires: nouvelles performances et développement. Aveiro, 2009. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12293.pdf>> Acesso em 17 de jun de 2023.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte:Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998. 392p

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2013. 530 p.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Uma Introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre - RS, v. 9, p. 87-97, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008. 535 p.



SILVA JÚNIOR, Carlos Borges. Apontamentos Teóricos Sobre os Estudos Culturais. **Caletrosκόpio**, v. 4, p. 78-94, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 133 p.